

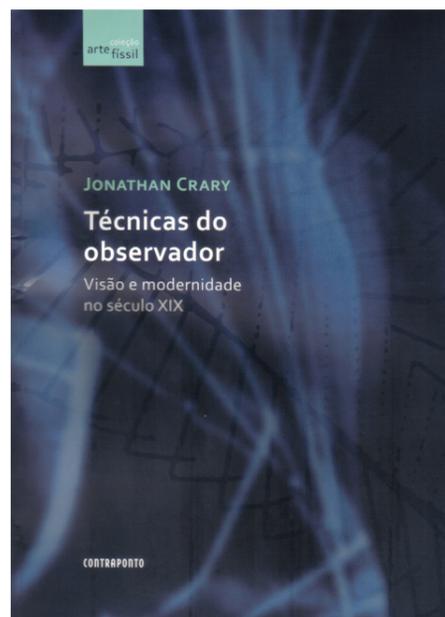
O observador emblemático do século XIX

Guilherme Carvalho da Rosa¹

Professor dos cursos de cinema do Centro de Artes da UFPel

O livro *Técnicas do observador: visão e modernidade do século XIX* (Contraponto, 2012) é o primeiro livro publicado no Brasil de Jonathan Crary, professor de história da arte da Universidade de Colúmbia, em Nova York. Antes desta obra, no entanto, já o conhecíamos por aqui através de um texto de sua autoria que integra o livro *O cinema e a invenção da vida moderna* (Cosac Naify, 2010), a primeira obra da coleção *Cinema, teatro e modernidade* coordenada por Ismail Xavier.

A publicação original do livro é de 1990 e antecede a discussão central que seria empreendida por Crary na publicação de *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna* (Cosac Naify, 2013). Percebe-se na obra um esforço já bastante avançado em dar densidade ao olhar que a história da arte confere ao século XIX. Em um exercício historiográfico, o autor desloca a reflexão sobre o modernismo que, em muitos casos, é dedicada a perceber os feitos de uma vanguarda artística que põe em xeque o “realismo” e o modelo de representação vigente desde o renascimento. Existe um embate identificado neste momento histórico entre um espaço “clássico”, caracterizado pelo perspectivismo e pela busca da representação, e a “libertação” deste modelo de visão renascentista expressa através dos movimentos modernistas identificados com o que é definido como “experimentação”. O olhar contemporâneo de Crary debruça-se sobre a ideia de que “uma história da visão (se isso é possível) depende muito mais do que uma simples exposição das mudanças nas práticas da representação” (2012, p. 14). Ou seja, trata-se de perceber o outro extremo, fora do campo, no



caso o sujeito desta própria modernidade que, de maneira precisa, o autor chama de observador.

Recorrente na pesquisa em cinema e audiovisual, o espectador, Crary nos adverte, tem sentido distinto da ideia de um observador. Há no primeiro a lógica daquele que “assiste passivamente a um espetáculo” (ibid. p, 15) e no observador um sentido mais próximo da consideração de um dispositivo: alguém que conforma suas próprias ações e observa regras, códigos, regulamentos e práticas. Não se trata de limitar, cartesianamente, o papel do observador a fim de esquadrihar o “problema da atenção moderna”, assunto de *Suspensões da percepção*, e sim de incorporar no pensamento a proposição de uma *genealogia* com declarada referência a Michel Foucault. Como professor, sempre generoso em suas notas de rodapé e nas intertextualidades prazerosas, Crary traz o mestre francês para explicar que, em certos momentos, é necessária “uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, discursos, domínios, dos objetos, etc. sem ter que se referir a um sujeito que é ou transcendental em relação ao campo dos acontecimentos” (FOUCAULT apud CRARY, 2012, p. 15). Isso, na prática, torna-se uma reivindicação de que não se pode compreender as transformações nos modelos de “representação” ao longo do século XIX sem um obrigatório exercício de genealogia para considerar a imensa costura de interferências as quais os sujeitos modernos estão expostos entre a materialidade e a experiência: “se é possível afirmar que existe um observador específico do século XIX, ou de qualquer outro período, ele somente o é como *efeito* de um sistema irreduzivelmente heterogêneo de relações discursivas, sociais, tecnológicas e institucionais” (Op. cit. p. 15).

No roteiro de Crary, estão contidos “certos aparelhos óticos” que nasceram nas primeiras décadas do século XIX como formas de entretenimento de massas. Curiosamente, eles permitiram o nascimento de “novos conhecimentos empíricos” do observador que aos poucos deslocaram o centro de interesse da máquina produtora de verdades, propriamente dita, para o próprio corpo/olho fisiológico. Estas máquinas oitocentistas, à guisa foucaultiana, mais do que a imagem, estão engendradas na produção de sujeitos observadores. Não se trata apenas do aparelho técnico, mas do efeito que a máquina causa e determina na experiência de observar. Tais

¹ guilhermecarvalhodarosa@gmail.com

efeitos, longe de estarem incensados em um passado longínquo, fazem-se presentes em uma mais do que evidente relação entre o estereoscópio de que fala o autor, com mais de 150 anos de existência, e seu recente e não inédito ressurgimento como uma “nova atração” para o modelo de cinema em salas de exibição.

A leitura de *Técnicas do observador* torna-se relevante ao cinema e audiovisual no exercício de pensá-lo não apenas partindo de sensibilidades presentes nas artes visuais, mas, principalmente na necessidade de pensar sobre o observador enquanto *efeito*. O que será que este observador teria a nos mostrar sobre estes *efeitos*, considerando o fluxo midiático do século XXI?

Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX

Jonathan Crary

Contraponto, 2012